Ana Paula Costa Barbosa

RELATOS DE ADELÚZIA:

uma professora de educação física narra seu percurso docente

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2014

Ana Paula Costa Barbosa

RELATOS DE ADELÚZIA:

uma professora de educação física narra seu percurso docente

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG
2014

RESUMO

Este trabalho se propõe a descrever a história de vida e do percurso docente de uma professora de Educação Física. Tem como objetivos apresentar suas experiências pessoais e profissionais, analisar o seu percurso, no sentido de compreendê-la como "pessoa", como sujeito de sua história. Formada não apenas pelo ambiente acadêmico, mas, principalmente, pelas suas histórias de vida, suas conquistas e seus conflitos. Além disto, propõe-se entender a relação entre o seu percurso histórico e a prática docente. As análises foram feitas a partir de entrevista semi-estruturada. Foi relevante para este estudo identificar as motivações que levaram esta professora a escolher a Educação Física como profissão. Deste modo, neste trabalho foram destacados os caminhos por ela trilhados, segundo sua maneira própria de apresentá-los. Constituição pessoal e formação profissional acham-se imbricados, donde se conclui que aspectos relevantes dessa caminhada se encontram de um modo particular tanto na profissão quanto na vida.

Palavras-chave: História de vida. Percurso docente. Educação Física

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....5

2 RELATOS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: procedimentos metodológicos 7

3 RELATOS DE ADELÚZIA: UMA PROFESSORA NARRA SEU PERCURSO.....8
3.1 Primeiro relato.....8
3.2 Segundo relato 22
3.3 Terceiro relato 30

4 DA VIDA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA 36

REFERÊNCIAS 38

ANEXO.....39

1 INTRODUÇÃO

A ideia deste trabalho surgiu em um dos encontros com meu professor-orientador Tarcísio Mauro Vago, quando discutíamos acerca da resolução que impediu o professor de Educação Física da rede estadual de Minas Gerais de ministrar as aulas deste conteúdo, para o Ensino Fundamental I. Neste contexto, o professor me apresentou por meios virtuais, uma colega de trabalho, Adelúzia Barbalho, que estava vivendo exatamente esta situação de impedimento, depois de tantos anos de docência. A partir daí, entrei em contato e pude conhecer a Adelúzia. Interessei-me muito pela sua história como professora de Educação Física, que estava passando por aquela situação que discutíamos. Nas primeiras conversas, percebê-la como uma "pessoa", com todos os seus conflitos, gostos, experiências, exercendo um dos "papéis" de sua vida, o de professora, também foi muito interessante.

Decidi, então, a minha temática de trabalho: Relatos de uma professora de Educação Física: o percurso de vida da professora Adelúzia, narrada por ela mesma.

Para a composição do tema do trabalho, acompanhei Adelúzia em algumas aulas para turmas de 6º e 7º anos do ensino fundamental II na Escola Estadual Afonso Pena, em Belo Horizonte, momento em que pude conhecer um pouco de sua prática. Num segundo momento, realizei cinco encontros, que ocorreram no "café" do Palácio das Artes. Em três deles, gravei os depoimentos da professora, com seu consentimento. São eles que constituem a fonte deste trabalho, sendo transcritos e apresentados na íntegra, adiante.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as experiências pessoais e profissionais de Adelúzia Barbalho. Deste modo, pretendo analisar o percurso de vida de uma professora de Educação Física, possibilitando a sua compreensão como sujeito de sua história, como "pessoa". Pessoa formada não apenas pelo ambiente acadêmico, mas, principalmente, pelas suas histórias de vida, seus conflitos. Além disto, entender a relação de seu trajeto histórico, à sua prática docente.

Há muitas possibilidades de se apresentar os relatos colhidos da professora Adelúzia Barbalho. Escolhi apresentá-los em sua própria voz, tal como gravados, na íntegra.

Tal escolha é arriscada, mas optei por ela para que fosse uma expressão de seu jeito próprio de 'se dizer ao mundo'.

Este tipo de pesquisa que vem sendo desenvolvida por Huberman (1992) e Nóvoa (1992), dentre outros, levam em consideração a riqueza de experiências que surgem quando tais professores realizam uma reflexão sobre seus saberes, quando elaboram uma imagem de

si mesmos, entendendo como a vida pessoal é fundamental para o enriquecimento da vida profissional.

Proporei ao leitor uma experiência que eu tive, ao ‘pé da letra’ e, que muito me encantou.

Adelúzia de Magalhães Barbalho, professora de Educação Física, nascida em 02/12/1962. Ela que é quem dá vida a este trabalho. Dona de uma delicadeza única, que consegue se encantar com a camurça de uma garrafinha decorada, Adelúzia apresenta sua história, suas memórias e todas as circunstâncias que a tornaram professora e, fizeram-na o ser tal como é.

A história de vida é, atualmente, uma importante fonte de informação sobre a prática profissional docente (Nóvoa, 1992). No cenário dessas histórias existem várias questões que podem ser feitas acerca de suas escolhas tanto no âmbito pessoal quanto profissional. E é no espaço em que ambos se entrecruzam, que se constitui a profissão de professor, tornando a pessoa e o profissional indivisíveis.

Ainda de acordo com Nóvoa, (2000, p.10):

> Esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser.

A ideia defendida por Nóvoa vai ao encontro daquilo que penso. O ser pessoal e o profissional estão, a todo o momento, diante uma relação estreitamente imbricada. Impossível não reconhecer este fato. A professora a quem me reportei deixou essa questão bastante evidenciada em seus relatos.

Nóvoa (1995, p.17) afirma:

> Eis-no de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.

Nessa via, constata-se se que a cisão entre o profissional e a pessoa do professor acentua a denominada crise de identidade dos professores, intensificando o processo de desprofissionalização dos mesmos. Desse modo, é fundamental dirigir a nossa escuta aos possíveis significados dados pelos próprios professores à sua profissão, sabendo da não-

separação e, interdependência que existe entre o ser pessoa e o ser professor. É por essa estrada que vamos caminhar.

2 RELATOS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: procedimentos metodológicos

A pesquisa foi de natureza biográfica, e tem por objetivo narrar as experiências de uma professora de Educação Física, relacionando sua história de vida e sua docência.

Foram cinco encontros realizados com a professora de Educação Física, Adelúzia Barbalho e, três deles gravados, com o seu consentimento. Optei pela entrevista semi-estruturada que, segundo Manzini (1990/1991, p. 154), está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Ainda sobre a entrevista semi-estruturada, Triviños (1987, p. 146) diz que ela tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada "[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]" além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Quando conheci Adelúzia e lhe falei sobre o meu trabalho, tive a oportunidade de acompanhá-la em algumas de suas aulas na Escola Estadual Afonso Pena. Neste período, marcamos a entrevista, mas, tivemos que adiá-la por um tempo, em decorrência de uma licença médica que a professora precisou tirar.

Os relatos foram gravados neste contexto conturbado da vida da professora Adelúzia. Ela estava passando por um tratamento de saúde e, ainda assim, se dispôs a me receber para fazermos a entrevista. Marcamos no "café" do Palácio das Artes e, interrompemos a sequência porque Adelúzia fez uma viagem para Vila Velha, onde moram seus pais. No seu retorno, concluímos a entrevista, no mesmo lugar.

Tomei a decisão de não pressioná-la e, deixá-la muito à vontade para dizer o que estivesse disposta a compartilhar. O meu maior interesse era em suas experiências de vida, o que Adelúzia teria de história, que formaram a pessoa que ela é e, a relação dessa história ao ofício de professora de Educação Física.

Pontuei a respeito do nosso tema, das perguntas que lhe seriam feitas e, iniciamos a entrevista.

3 RELATOS DE ADELÚZIA: UMA PROFESSORA NARRA SEU PERCURSO

Encontrei Adelúzia no "café" do Palácio das Artes, para gravarmos a entrevista sobre suas histórias de vida, desde a infância, até a fase atual, relacionadas ao seu percurso na Educação Física. Apresentei a ela as perguntas que eu faria, expliquei a importância de ela estar à vontade para dizer apenas o que quisesse compartilhar e, que a fizesse se sentir bem. Fiz a opção por retirar as minhas perguntas e minhas intervenções nos relatos que se seguem para dar voz apenas à Adelúzia.

> O professor é coadjuvante na escola. Ele fica nos bastidores. O protagonista é o aluno (BARBALHO, 2014).

3.1 Primeiro relato

No decorrer de nossa conversa, percebi que não terminaríamos naquele dia a entrevista. Adelúzia reviveu os momentos relatados com uma perceptível emoção, que me despertou ainda mais curiosidade pela sua história. Combinamos de nos encontrar novamente, para seguirmos com a narração, de acordo com a sua cronologia. Portanto, adiante, o primeiro relato.

"Bom, eu sou do interior, de Governador Valadares. Então, onde passei a infância, e adolescência, e fiz até o 3º ano do Ensino Médio. Sou de uma família imensa, de onze filhos, nove mulheres e dois homens e, a vida inteira, eu morei em casa, com quintal, árvores, pé de goiaba, manga, etc... Graças a Deus, e pela minha idade também, já que era época disso, eu tive aquela infância maravilhosa, que quem é da minha idade, teve o prazer de ter. Aquela infância de interior, de brincar em quintal, subir em árvores, brincar na rua... Eu lembro de até

os 15 anos de idade, eu brincar na rua, até onze horas da noite. Dos onze filhos, eu sou a nona. Sou uma das mais novas, por isso, minha mãe falava que já estava cansada de 'olhar filho' [Risos]. Meus colegas tinham que ir embora às oito horas da noite porque as mães chamavam e, eu e minhas irmãs mais novas, falávamos que não tínhamos mãe nem pai. Brincávamos até a hora que não tivesse mais ninguém na rua. Éramos as últimas a ir embora. Foi uma infância muito feliz. E sabe, foi uma infância com práticas corporais imensas. Pra você ter uma idéia, eu morava em um bairro até os nove anos, depois eu mudei para o centro de Valadares. Morei em uma casa em que, a "linha" de trem passava atrás. Tinha um muro, altíssimo, que depois de adulta, eu reparei e pensei: "como é que a gente pulava esse muro?". Acho que a gente subia em uma árvore, passava da árvore para o muro e, ia para a "linha" do trem. Deitávamos debaixo dele e, falávamos: "Vamos brincar de puxar o 'tiché'!". E sabe o que era? A gente puxava o ferrinho que tinha embaixo do trem e, ele fazia um barulho assim: "Tchiiiiiii". Esse era o tipo de práticas corporais que vivenciávamos. Com seis anos, comecei a fazer natação. Eu era sócia de um clube e, Valadares era muito quente, todos tinham essa prática de freqüentar clubes. Depois, passei a treinar para a equipe. Estudei em escola estadual. Entrei na 1ª série. Na época, não sei se pelo fator financeiro, a família era grande, então não se fazia pré-primário, jardim de infância, eu pelo menos, não fiz. Entrei direto com sete anos na 1ª série, na escola estadual que fiquei até a 6ª série. Da 7ª série para frente, fui para um colégio particular, o colégio Ibituruna. Era a melhor escola particular que tinha e, lá eu fiquei até o ensino médio. Na escola estadual, existiam equipes esportivas de tudo, futebol, vôlei e, tinha toda uma estrutura física, de espaço e de material. Comecei a fazer ginástica olímpica, e virei atleta. A gente tinha trave, aqueles colchões grandes e barra. O meu aparelho de competição era a trave. A minha professora de Educação Física era também a treinadora de ginástica olímpica. Estudei no período da tarde, ficava até às 17:30 na escola. Depois, eu ia treinar. Lembro-me que era depois da escola, com essa mesma professora. Quando tinha 10 anos de idade, e eu falava assim: "eu quero ser professora de Educação Física". Eu admirava muito minha professora, que também era minha técnica de ginástica olímpica. Tanto, que durante um grande período, acho que entre 13, 14 anos, eu fiz os dois esportes, natação e ginástica olímpica. Eu fazia tudo. Gostava muito de praticar. Com 10-11 anos, entrei no Jazz. Então, eu fazia natação, ginástica olímpica e Jazz [risos]. Na natação, eu comecei a fazer parte de equipes, mas, eu detestava competir. Inclusive, na ginástica olímpica, teve um campeonato estadual, viemos aqui em Belo Horizonte competir, não me lembro em qual lugar, mas eu detestava. Na natação, todo fim de semana tinha competição e, o técnico fazia uma relação de

quem iria competir. Fazia a lista e pregava lá. Eu lia a lista morrendo de medo de meu nome estar lá. Cruzando os dedos para não estar [risos]. Eu nunca tive perfil de atleta, porque não gostava de competir, apesar de que da prática, eu gostava muito. Então, essa questão da competição, me levou durante os 13-14 anos, a desistir da natação e da ginástica olímpica. Nesse momento, eu já estava muito envolvida com a dança. Fazia Jazz, aqueles festivais de final de ano. Me dediquei ao Jazz. Com relação à Educação Física, eu estou aqui tentando lembrar o por que escolhi. Acho que a escolha profissional tem a ver com a vivência que tivemos, como te falei, eu admirava aquela professora de Educação Física, mas eu não lembro muito bem como era a prática dela. Ela era uma professora muito querida, muito amorosa. Ficou marcado para mim aquela relação muito afetiva, mas das aulas eu não me lembro com clareza. Eu tenho para mim que as aulas dela iam para uma linha bem lúdica, de jogos e brincadeiras. Lembro-me muito de eu treinando com ela ginástica olímpica, mas das aulas de Educação Física, não tenho muita recordação, mas ela era uma pessoa muito querida, muito afetuosa. Quando eu fui para o colégio particular, era um colégio imenso, tradicional. Era um colégio de padres espanhóis. Me lembro de algumas questões das aulas de Educação Física. Era uma Educação Física completamente esportivizada e militarista, no final dos anos 70. Lá tinha um campo de futebol. Me lembro de ter que dar muitas voltas correndo em torno dele. Tinha testes físicos, teste de Cooper, de abdominal, de flexão de braços, e também era muito esportivista. Era aquela coisa do futebol, vôlei e handebol. Futebol para os homens e vôlei e handebol para as mulheres. E eu, tinha pavor de esporte coletivo, detestava. Continuei fazendo ginástica olímpica, e natação. São dois esportes extremamente individuais e então, essa coisa do coletivo me apavorava. Tinha aquela cobrança de ter que jogar, ter que fazer. Então, eu não me lembro de ter experiências muito legais no colégio Ibituruna. Eu tinha certa proteção nesse colégio porque eu era atleta. Na época dos desfiles de 7 de setembro, a gente tinha que desfilar, mas quem era atleta, estava dispensado do desfile. Então você percebe a relação do esporte com isso. Eu era dispensada. E era um privilégio imenso, mas ao mesmo tempo, como eu era atleta de ginástica olímpica, eu desfilava pela escola estadual e, as equipes de ginástica olímpica sempre vinham na frente de collant, tipo aquelas balizas. Fazíamos roda, estrelas, acrobacias... Eu fazia abertura no calçamento de pedra, ficava toda ralada, toda roxa. [risos]. Mas eu adorava fazer isso. E outra coisa, teve uma época, eu acho que no Ensino Médio, já tinha aquilo das meninas não gostarem de fazer Educação Física. Quando chegava a época do desfile de 7 de setembro, quem tivesse feito tantas aulas de Educação Física, não me lembro quantas, era dispensado de desfilar no dia. Ou seja, tinha

uma relação aí da Educação Física, do militarismo e do esporte, porque quem praticava algum esporte também estava liberado. O desfile era o castigo, um "trem" doido, eu não entendia nada. E engraçado, que uma vez eu estava conversando com uma grande amiga minha, daqui de Belo Horizonte, colega desde a 6ª série, até o 3º ano do Ensino Médio, Ela sempre foi gordinha. Uma vez eu estava na casa dela, a gente conversando, relembrando nossa época de colégio. Eu já como professora de Educação Física, questionando algumas coisas da área, ela comentou o seguinte: "Eu detestava as aulas de Educação Física, eu odiava, inclusive eu odeio todos os professores de Educação Física do mundo! A única que eu tolero é você! [risos]" Eu disse que não sabia que ela tinha esse trauma, e ela disse: "Você gostava de Educação Física porque você era bem tratada. Você era atleta, era magrinha e, não tinha dificuldade de fazer prática nenhuma. Agora eu, além de não gostar, não era atleta de nada e era gorda. Então eu era completamente discriminada. Pra mim o pior dia na escola, era o dia que tinha Educação Física, eu tinha vergonha". Quando pensamos nisto, a carga que ela carregou. Nesse relato ela mostra de fato, a história da Educação Física. Uma escola militarista, esportivista, uma escola excludente, que privilegiava os que tinham habilidades. Eu tinha habilidade porque eu fazia outras práticas esportivas fora da escola. Então, isso tudo é bem característico. E a gente tinha uma professora de Educação Física, neste colégio particular, que era muito bacana, e era moderna para a época. Apesar de ser uma escola tradicional, acho que ela era uma professora que tentava trazer coisas novas. Hoje, pensando com professora, eu imagino que ela devia ficar muito presa à instituição também. Porque tem aquela coisa, uma escola tradicional, de padres, num regime militar, não dava para inovar muito, você tinha que garantir seu emprego. Então, minha história na Educação Física, até o ensino médio, foi mais ou menos essa. Um lado interessante, no terceiro ano, comecei a fazer aqueles testes vocacionais, Éramos obrigados a fazer. Tinha a psicóloga da escola, que aplicava esses testes. Na época, eu sempre gostei muito de matemática, eu era fera. Eu era uma boa aluna, "caxiona", nunca tomei recuperação na vida. E aí meu teste vocacional deu para a área de exatas, engenharia, matemática. Então eu pensava: "mas eu faço dança" [risos]. Estava no auge do jazz, dançava muito, tinha uma forte ligação com Educação Física, mesmo não sendo mais atleta de ginástica nesse período. Eu ficava confusa pensando na engenharia. Na minha casa eu já tinha duas irmãs engenheiras, uma cursando e a outra já era formada. E eu falava assim: "Que teste vocacional mais louco". Eu não sei com era feito esse teste vocacional pra ter dado área de exatas. Enfim, eu gostava muito de biologia, de química. Fui de um tempo que o ensino científico, se chamava científico profissionalizante. Nessa escola

tinha duas áreas para escolher: área de laboratório, que era Análises Químicas, ou então Eletrônica, mais na área da Física. Eu escolhi Análises Químicas, então, eu tinha aula de laboratório e tal. Assim, fui muito para esse lado da biologia e da química, eu adorava. De repente eu falei: "Vou fazer Educação Física!" Na minha família, não tinha nenhuma história, nenhum parente que tinha feito essa escolha também. Falei com meu pai e ele quase "caiu duro". Então, a briga estava formada. Ele dizia que não aceitaria minha escolha pelo curso de Educação Física, de jeito algum. Ele argumentava que eu já tinha duas irmãs professoras, as duas irmãs mais velhas que fizeram Letras e davam aula. E eu teimei e expliquei que ia fazer Educação Física porque gostava de esportes, era atleta, mas, meu pai insistia: "Você quer ser professora?" [Risos]. E eu explicava que Educação Física tinha muitas coisas, que eu iria trabalhar com dança. E ele perguntava se eu queria ganhar miséria a vida inteira. Meu pai era muito severo, rígido, então, nós morríamos de medo dele. Enfim, terminei o terceiro ano, lá em Valadares, e aí eu não tive coragem de fazer inscrição para Educação Física. Fiz inscrição pra Farmácia em Ouro Preto, na UFOP e, ele aceitou. Nós tínhamos um grande amigo da família que era bioquímico, tinha laboratório em Valadares e tal, e então meu pai achou bacana. Fui fazer Farmácia. Mas chegando a Ouro Preto, eu só gandaiei, [Risos]. E não passei no vestibular, mas a minha sorte foi essa. Se eu tivesse passado talvez eu tivesse feito outro curso, mas eu não passei. Precisei fazer cursinho e fui morar em Belo Horizonte. Eu vim para cá em 1981, e fiz um tempo de cursinho, não me lembro o nome, mas era na galeria do Ouvidor. Fiz pó uns três meses. Depois, passei para o Pitágoras, que era na Rua Espírito Santo. Eu estava naquela coisa, pensando se eu deveria fazer Farmácia de novo, se teria coragem de tentar Educação Física. Nessa mesma época, o Pitágoras começou a dar um curso de preparação para o vestibular de Educação Física, porque no vestibular tinham as provas práticas, tinha teste de Cooper, impulsão vertical... Então eu comecei a fazer o cursinho de manhã e a tarde eu ia para o Pitágoras da Cidade Jardim, fazer a preparação para a prática. Corrida, abdominal... Nesse instante, fui tendo a certeza que o que eu queria fazer era Educação Física mesmo. E a briga continuou lá em casa, mas era uma briga longe! [Risos]. Eu estava longe de casa, então era mais fácil administrar. Foi uma briga de um ano inteiro, eu falando que ia fazer, e acabei fazendo. Graças a Deus eu passei de primeira no vestibular. O fato é que eu fiz dois vestibulares na minha vida, esse de Farmácia em Ouro Preto e, o da UFMG que passei de primeira. Por mais que se tenha briga, quando se passa no vestibular, ainda mais na UFMG. Meu pai acabou aceitando. E o engraçado é que no ano seguinte minha irmã fez vestibular para Educação Física também. Acho que com ela foi bem mais fácil. Nós

tínhamos outra irmã em BH, que fazia Psicologia. A outra, mais nova ainda, no outro ano veio para fazer Fisioterapia. Também era na escola de Educação Física da UFMG [Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG]. Meu pai tentou questionar a Fisioterapia, porque achava ser um curso inferior, apesar de ele achar que ainda era melhor que a Educação Física. [risos] Eu falei com ele que era a "praga", que todo mundo estudou na mesma escola, depois de mim. Aí começa a trajetória. A escola de Educação Física. Minha turma começou junta no primeiro período e foi junta até o oitavo. Não teve aquela coisa igual algumas turmas que desfacelam ao longo do caminho. Foi uma escolha que apesar de tumultuada, muito feliz. Eu falo que se eu tivesse que fazer Educação Física de novo, eu faria. Em várias épocas da minha vida, eu falei: "que vontade de fazer Educação Física de novo". Eu falo porque, é claro que os currículos acrescentaram muitas coisas, melhoraram e, hoje tem tanta disciplina que a gente não tinha. E, além disso, a própria visão da Educação Física, é outra. Queria saber o que o pessoal ta falando, ver outras disciplinas que na época eu não tive. Agora, tem casos interessantíssimos. Minha turma ainda pegou uma Escola de Educação Física, em que alguns professores eram militares. A história da Educação Física começa com os militares e, vivi isso na faculdade. Eu entrei em 1982 e formei em 1986. Fiz o curso regularmente. Convivi com três ou quatro professores militares e, claro que, tínhamos muitos choques com eles. Estávamos tentando sair de uma ditadura. É engraçado, é que, querendo ou não, a política te direciona, direciona sua vida, tanto na escola onde você está, quanto na sociedade que convive. Nestes quatro anos que eu estudei, tiveram três ou quatro greves fortíssimas nas Federais. Greve de professor, greve de estudante, barricada de policiais na Avenida Antônio Carlos, na [Avenida] Catalão. Eu já ganhei até cacetada de policial. Eram greves imensas. Ter de ficar Janeiro inteiro estudando, era aquele período que estava acabando a ditadura e, logo em seguida, vieram as Diretas Já, em 84. Eu peguei aquele movimento todo dentro de uma faculdade, Você imagina, jovem dentro de uma faculdade, em um momento de ainda ditadura, tendo professores militares. As aulas eram, por conseqüência, quase um treinamento militar. E a Praça Sete ficava lotada, todos pedindo as "Diretas". Foi um momento muito especial que eu estudei na faculdade. Um momento de "abrir as cabeças". Nós tínhamos um professor de atletismo, que ele chegava a ser uma piada. Só faltava batermos continência para ele, era uma coisa incrível. E eu me lembro que uma vez, quase tomei prova especial com ele porque no salto em alturas, ele colocou o sarrafo numa altura imensa e, nos tínhamos que fazer o salto "flope", aquele salto de costas. Eu tentava e, derrubava o sarrafo. Ele insistia em dizer: "Seu gesto técnico está corretíssimo, só está

faltando você passar o sarrafo" [Risos]. Eu argumentava com ele: "Mas não sou atleta! Não vou passar nunca esse sarrafo. Eu não vou passar!". Eu pulava dez, vinte vezes e chegou a me dar dor na coluna. Isso é para você ter uma idéia de como andava essa Educação Física. Era assim, você tinha que executar numa precisão, numa performance impecável. Me lembro que nós tínhamos aula de musculação, práticas e aulas teóricas. Eu gostava de usar uns saiões, chinelos de couro, era meio "riponga". [Risos]. Em uma ocasião, eu estava assistindo aula dele de saião e chinelinho de couro e, o professor me chamou atenção, perguntando se aquilo eram roupas de professor de Educação Física. Quase que ele não me deixou ficar na sala. Falava que eu não estava com a vestimenta adequada para um professor de Educação Física. Expliquei que, na ocasião, nós não iríamos ter aula prática. Era apenas teoria. Éramos questionadores, e aí o "pau quebrava" [Risos]. Então, são vários episódios que aconteciam que nos ficávamos pensando que tipo de Educação Física era aquela. Bom, a minha formação foi neste sentido. Quando eu vim para BH, antes de eu fazer cursinho, eu me matriculei em uma escola de dança e, comecei a fazer Jazz. Logo, eu descobri aqui em BH a tal da "Dança Afro", pela qual me apaixone. Durante um bom tempo, eu fiz Jazz e Dança Afro. No segundo período do curso, quando nós tínhamos aula de Folclore, me apaixonei pela disciplina. O engraçado é que, em toda minha trajetória de dança, desde a infância em uma cidadezinha do interior, Virginópolis, onde eu passava férias, até aquele momento, eu nunca tinha ouvido falar das Danças Folclóricas, apesar de lembrar de que, em algumas festas, em Virginópolis, algumas pessoas dançavam com roupas coloridas. Hoje, eu fico imaginando que era talvez o Congado, ou, folia de reis. Então, eu fui conhecer isso na escola de Educação Física, na disciplina de Folclore. Comecei a fazer parte de um grupo, os "Sarandeiros", que, na época, era um grupo experimental de Dança Folclórica, da Escola de Educação Física da UFMG. Fiquei seis anos dançando, quatro deles no período do curso e, mais dois anos depois que formei. Eu era apaixonada por dança, teve uma época em que eu fazia Dança Afro, era do grupo "Sarandeiros" e, também entrei no "Aruanda". Entretanto, fiquei neste último apenas até eles descobrirem que eu fazia do grupo da UFMG. E, como só podia participar de um grupo, decidi ficar no "Sarandeiros". Eu gostava muito de dança, só que, a Escola de Educação Física privilegiava no currículo a questão da esportivização, apenas tratava dos quatro esportes predominantes: basquete, futebol, vôlei e handebol. Meu primeiro contato com esporte em grupo foi na escola de Educação Física, porque na Educação Física de ensino médio eu tinha pavor de bola. Eu era atleta e ficava com medo de me machucar, já que eu fazia esporte individual. Então por um lado, essa Educação Física muito Tecnicista, me

ajudou, porque eu aprendi esses esportes de grupo. Então, formei e comecei a dar aula em escolas. Fiquei durante anos seguindo o seguinte planejamento: 1° bimestre - basquete, 2° bimestre - voleibol, 3° bimestre - futebol, 4° bimestre - handebol. Era o "quarteto fantástico". Dei aula em escola muito tradicional aqui de Belo Horizonte. Ela não existe mais. Era no Alto das Mangabeiras, classe AAA. Estudava lá a neta do Magalhães Pinto, a filha do Newton Cardoso. As alunas chagavam de motorista. E o planejamento era essa coisa do esportivismo. Teve uma época em que eu entrei em academia, comecei a fazer ginástica aeróbica que, estava no auge naquele período. Tinha coreografias e show de aeróbica para todos os lados. E eu tinha muitas alunas que não faziam aulas de Educação Física de jeito nenhum, porque não gostavam, iriam ficar suadas, sujar a roupa, estragar a unha, estragar o cabelo. Eram extremamente "patricinhas" e riquíssimas. Elas falavam: "Não vou fazer e pronto! E que pago seu salário" Então, eu comecei a pensar que poderia desenvolver um outro projeto, uma outra possibilidade. Elas não queriam suar, não queriam ir pra quadra, nem pra debaixo do sol. Comecei a pensar em trabalhar o conteúdo da ginástica aeróbica com elas. Era a moda da época, o auge. Todas as academias competiam entre si. Eram apresentações no BH shopping, em vários lugares. Eu fazia ginástica em uma academia que tinha na Savassi, que era a "bambambam" desses grupos de aeróbica. Cheguei a participar porque sempre gostei muito de dança, então tudo que envolvia dança e movimento, eu estava dentro. Pensei o seguinte: "vou resgatar essas meninas, vou oferecer esse conteúdo para elas". E, elas gostaram, mas eu fui barrada pela direção. A direção não aceitava a idéia de uma professora de Educação Física fazer um projeto, trabalhar em uma coisa que não tivesse nada a ver com a Educação Física, naquela perspectivas deles. Olha que loucura! Era ginástica aeróbica e estava no auge! Eu queria montar um grupo para fazer apresentações. Talvez, quando tivesse olimpíadas na escola, uma festa junina, dia da família, ou qualquer outra comemoração, o nosso grupo poderia fazer apresentações. Eu sugeri para as meninas, e elas gostaram, contanto que fosse em um galpão que tinha lá na escola, que fosse na sombra, porque elas não queriam ir para a quadra. Eu tive que enfrentar a diretoria dessa escola e convencê-los, com muita luta, que poderia dar certo, que era uma forma de elas estarem participando das aulas. Elas não podiam ficar sentadas, sem fazer Educação Física. Nessa época era assim, o professor homem dava aula para os homens e a professora mulher dava aula para mulheres. Então, eu ficava assistindo ao professor de Educação Física dando aula para os meninos, enquanto tentava convencer as meninas de participarem. Numa turma de 20 meninas, deviam ter duas ou três que topavam fazer esportes. Enfim, fui tentando convencê-las, era uma briga feia. Finalmente,

nós começamos a trabalhar o conteúdo de ginástica aeróbica. Começamos a montar uma coreografia. Para você ter uma idéia, todas elas eram sócias do clube Minas Tênis II, que estava recém inaugurado. Me lembro de dois eventos grandiosíssimos no Minas II e, nós que fizemos a abertura daquele evento chiquérrimo. Minhas alunas protagonizaram e foi um sucesso! Eu fiquei uns dois anos a mais dando aula de aeróbica. Tinham eventos grandes que faziam questão de nos convidar, e falavam: "Convide o grupo da ginástica aeróbica". Fazíamos roupas, lindíssimas, porque todo mundo lá tinha dinheiro, então todas ficavam arrumadinhas, iguaiszinhas, Acho que foi a partir daí que me bateu aqueles primeiros pensamentos de que seria possível fazer outras coisas, sabe, não podia ser apenas aqueles quatro esportes. Senão não teria porque termos outras coisas. Outra coisa, nessa escola tinha uma piscina, se não me engano de quase 25 metros, imensa. A piscina era verde-musgo [Risos]. Não podia ser utilizada. Eu comecei a questionar porque não podia usar a piscina, e a explicação era que, primeiro, a piscina era suja. Aí eu expliquei que isso era simples, manutenção, fazer a higiene, trocar a água, fazer um tratamento, resolveria este problema. Só que todos os alunos, sem exceção, tinham piscina em casa e eram sócios do Minas II. Então, eles não tinham interesse de usar aquela piscina imunda. Todos eram sócios do melhor clube de Belo Horizonte, entendeu. Aí já foi outra briga, ainda maior porque o professor que trabalhava comigo, era um professor bem tradicional. E, para ele, estava de bom tamanho dar aqueles quatro esportes e, dizia: "não se fala mais nisso". Depois de uma briga ferrenha, convenci a ele e, finalmente, usamos a piscina. Dávamos pólo aquático, brincadeiras e recreação. Mostramos à direção da escola que apesar de eles terem piscina em casa, era muito bom poder brincar com os colegas na piscina da escola. Foi uma revolução. Outra coisa, essa escola fica perto do Parque das Mangabeiras, hoje, me parece que ali é o colégio Libertas. Um lugar lindo, maravilhoso, com o Parque das Mangabeiras do lado e, os alunos nunca tinham saído da escola, nem para fazer uma caminhada. A escola falava "não pode porque os alunos vão ser seqüestrados." Então, outra briga. Mas conseguimos fazer caminhadas em volta da escola, fizemos aulas no Parque das Mangabeiras, levamos cama elástica e outras coisas. Nós conseguimos levar aqueles alunos, "filhinhos de papai", e muitos nunca tinham entrado no parque, porque parque era coisa de pobre entendeu? Fizemos uma vez, uma escalada com o terceiro ano do ensino médio na Serra do Curral. Escalamos e descemos com a ajuda do Corpo de Bombeiros, com aqueles materiais. Então essa escola me fez pensar que: "em uma escola tão difícil, com uma direção tão tradicional", nós não imaginávamos conseguir tantas coisas, tudo o que pedíamos, e eles foram cada vez mais maleáveis. Dava tudo certo, ninguém

foi seqüestrado, ninguém morreu, ninguém se afogou... [Risos] Além da briga com a direção, tinha a briga com o colega que não queria trabalhar, que só queria ficar dentro da escola. Ele era acomodado àquela realidade. Eram muitas dificuldades e, quando me deparo com as mesmas dificuldades de 15, 20 atrás, eu fico pensando: "Será que vou passar por isso de novo?". O tempo inteiro me faço esse questionamento. De novo? E é claro que os anos vão passando e a gente vai ficando cansada. Igual te falei, hoje estou um pouco cansada. Enquanto Deus der forças eu vou rompendo. Voltando à escola, eu pensava o seguinte: "Eu consegui fazer dança, escalada, caminhada, consegui utilizar a piscina" Essa reflexão me convencia cada vez mais de que a Educação Física era muito mais que os quatro esportes. Eu tinha brigas homéricas com o professor que trabalhava comigo, porque ele achava que eu estava errada, que estava inventando moda. Na época, chegou uma outra professora de Educação Física para trabalhar também nesta escola, porque as turmas femininas estavam grandes demais. Ela foi trabalhar junto comigo e nos demos muito bem, porque ela estava no mesmo espírito que eu. Então ficamos nós duas lutando contra esse professor. Tudo que eu falava com ela que queria fazer de diferente ela topava na hora. Eram duas para brigar dessa vez, contra um. Ele era uma pessoa bacana, tínhamos essa dificuldade enquanto profissionais e tínhamos brigas homéricas, mas era só sair da escola que a gente ia tomar cerveja juntos. [Risos]. Ele era uma pessoa muito legal, mas no aspecto profissional, nós brigávamos muito, porque para ele já estava de bom tamanho. Eu fiquei cinco anos nessa escola. Foi muita luta, com muito choro. Era difícil demais. Tinha dias que eu pensava que devia fazer como o outro professor, mas ao mesmo tempo, tinha o retorno das alunas que detestavam Educação Física, nunca tinham feito e, de repente, começaram a gostar e a fazer. Isso era muito prazeroso. Sabe aquele Mirante? Hoje ele é todo bonitinho, arrumado. Mas antes, era "puro mato". A gente ia ao Mirante direto, ele era colado na escola. Era mais bonito ainda, tinha mais árvores, não tinha tantas casas construídas. E elas mesmas passavam a chamar: "Vamos fazer aquela caminhada hoje?". Então, esse retorno era muito bom. Saber que eu pude mudar pelo menos um pouquinho daquela história faz tudo aquilo ter valido a pena. O legal é que quando eu conto estas experiências, eu penso que continuo gostando muito da Educação Física, pois quando você faz um projeto e você percebe que os alunos ficaram satisfeitos, que eles gostaram, não tem coisa mais gratificante, mais legal do que isso. Nestes vinte anos atrás que eu dava aula nessa escola, eu me sentia assim. Eu não sei se eu tenho a mesma garra e o mesmo pique porque a gente envelhece e cansa. Mas talvez eu ainda tenha o mesmo sonho de se tornar possível que as aulas de Educação Física mudem, afinal tudo mudou, as disciplinas

mudaram, os diretores mudaram. Então, eu vejo um futuro muito bacana em relação à Educação Física, mas, isto tudo irá depender do profissional que está vindo por aí. As faculdades que os formam também é um fator importante. Então, eu me sinto muito feliz e realizada como professora de Educação Física, em nenhum momento eu lamento por não ter feito outra coisa. Você pode pegar os meus momentos de maior revolta do mundo e, eu não lamentei ter feito essa escolha. Muito pelo contrário, sou muita satisfeita e como eu lhe disse, tive até vontade de fazer o curso novamente. Hoje eu falo que quando eu aposentar, não vou querer mais dar aula, mas isto por uma questão do cansaço, de etapa. Talvez eu queira fizer outra coisa, contribuir de outra forma, mas dar aula não. Quanto à questão da Educação Física, eu vibro quando eu vejo boas aulas, bons estagiários, com questionamentos bacanas, eu fico tão feliz. Seguindo então o meu percurso profissional, fui morar em Carajás no Pará, "Serra dos Carajás", outra fase da minha vida. Fiquei lá quase quatro anos. E foi interessante, pois, eu fui para ficar quatro meses apenas, substituir a licença maternidade de uma colega minha que morava lá. Aquela cidade que era um canteiro de obras da Vale do Rio Doce, uma cidadezinha pequena, que tinha a Vale do Rio Doce, o colégio Pitágoras e o clube Docenorte, que era da Vale. Eu era funcionária da Vale do Rio Doce e fui para trabalhar neste clube. Na época, eu trabalhava em dois colégios particulares, onde eu era professora de Educação Física e natação. Eu tinha estes três empregos, tinha um salário muito bom. Foi quando a minha amiga Kátia que morava em Carajás a mais de um ano, precisou de alguém para substituí-la na licença maternidade dela, que seria de quatro meses. Eu tentei tirar uma licença destes empregos que tinha, não consegui e tive que pedir demissão dos três. Eu lembro que, na época minha família enlouqueceu, porque eu tinha um salário bom e apesar de em Carajás também ser um salário bom, era por somente quatro meses. Minha mãe enlouqueceu! Depois que passaram os quatro meses, uma outra professora teve que ser transferida e aí eu fui contratada. Fiquei lá por quatro anos. Após estes quatro anos, onde fiquei muito isolada, longe da família porque eu só os via uma vez ao ano, começou a me dar vontade de voltar. Eu queria estudar, porque lá nos fazíamos poucos cursos. Então ficava naquele questionamento, do que estava acontecendo em Belo Horizonte, São Paula, Rio de Janeiro e etc... Então, minha irmã morava em São Mateus no Espírito Santo [estado], próximo a Conceição da Barra, onde ela tinha o seu consultório de Fisioterapia e, freqüentava o clube da Petrobrás. Na época, ela teve uma conversa dela com o presidente do clube e, ele comentou que estava precisando de uma profissional de Educação Física para coordenar as escolinhas, porque o clube tava muito largado. Aí ela fez essa ponte, e de Carajás, eu fui morar em São Mateus. Fui direto para ser

coordenadora, para cuidar de um clube que estava totalmente "jogado para as cobras", e quem dava aula de futebol era o "pinguço da esquina" [Risos], que juntava os meninos e fazia qualquer coisa. E eu me lembro que na primeira reunião esse professor chegou com uma lata de cerveja, foi quando eu fiquei indignada e, ele achou uma afronta. Enfim, com as amizades que fiz neste clube, eu consegui um emprego em uma escola da rede Pitágoras, foi quando eu voltei a dar aula em escola, isto em 1996. Eu acho que isso foi a maior experiência em Educação Física da minha vida. Lá eram três aulas semanais, uma aula teórica e duas aulas práticas. Então, eu dava aula de 5ª série até o 3º ano do ensino médio. Foi quando eu encontrei uma diretora muito avançada, inovadora, com outra visão de Educação Física, que eu ainda não tinha visto. Nessa escola eu falei: "mamão com açúcar né...", porque ela oferecia ótimas condições de trabalho. No começo fiquei um pouco insegura, porque eu fiquei um bom tempo trabalhando somente em clubes e com natação e, de repente, voltar para escola de novo, seria um desafio. Esqueci de falar, quando eu morei em Carajás, tinha um grupo folclórico, o Kuarup, fundado pela Kátia e pelo Gustavo Côrtes. Gustavo também morou em Carajás. Ele e a Kátia montaram esse grupo, que era da Vale do Rio Doce e eu, continuei a dançar lá. Também fiz parte desse grupo. E quando eu fui pra São Mateus, comecei a sentir falta da minha dança. A vida inteira dancei Danças Folclóricas. E pensava: "o que eu vou fazer sem a dança?". Retomando então, nessa escola, eu percebi a fala super inovadora da diretora, e pensei: "vou montar um grupo de Danças Folclóricas aqui". Aí, pela primeira vez, eu comecei a ter outras experiências. E com todas as dificuldades, alunos de ensino médio pensando que aquilo era ridículo, e lá, uma cidade de praia, o Axé era uma coisa muito forte, carnaval, trio elétrico. Mas a diretora deu a maior força, vibrou, adorou. São Mateus é quase um canteiro de obras da Petrobrás, então a maioria das pessoas que moravam em São Mateus eram do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Bahia, você custava a ver alguém que era do Espírito Santo. Quando eu montei esse grupo, todos os eventos que tinha na cidade, nós íamos apresentar. Tinha uma adesão maior dos pequenininhos, 5ª, 6ª e 7º séries, do ensino médio, tinha um ou outro que participava. Então, por exemplo, eu montava uma dança gaúcha e levava os pais que eram gaúchos, que moravam lá há anos, às lágrimas. Quando eu montei o Maracatu, os que eram de Recife ficaram encantados. Então, eu comecei a emocionar todo mundo. Os pais começaram a comentar: "Nossa, que bacana, que saudade da minha terra! Ela montou a dança igualzinha!" E aí os alunos começaram a entender e valorizar! Às vezes eles tinham nascido em São Mateus, mas os pais eram de outros lugares. Então eles dançavam uma dança que seus pais haviam dançado. Nessa escola, eu descobri o

prazer de ser professora! Eu podia dar também aulas teóricas. No dia que era aula teórica, os alunos já sabiam, porque no horário já vinha descrito "Aula P – Prática e, Aula T – Teórica". Quando era o dia da "Aula T", eles já ficavam na sala de aula. Eu continuava trabalhando da forma tradicional, mas com espaço para muitas outras coisas. Eu comecei a trabalhar judô, comecei a trabalhar capoeira. Na cidade tinha uma única academia de lutas e, o professor era "fera". E os alunos dele, eram meus alunos. Eu não sabia dar aula de judô como ainda não sei hoje. Então a gente ia caminhando para a academia dele e ele dava aula teórica e prática de capoeira para os alunos. Então assim, eu falo que essa escola, que fiquei de 1997, a 1999, foi fundamental, determinante para eu pensar e definir a minha prática. Essa Educação Física, é possível. Eu montei uma academia lá como minha irmã, ela é fisioterapeuta e, eu ainda dava aula nessa escola. Mas depois de um tempo, eu resolvi vir embora, porque me deu uma grande vontade de estudar, de fazer uma pós-graduação. Queria voltar para Belo Horizonte, já estava cansada de cidade do interior. Eu morei quatro anos em Carajás, mais três anos e meio em São Mateus, então já tinha sete anos e meio que eu estava fora daqui. Resolvi vir embora. Estava sentindo muito falta de estudar mais e, de voltar a morar em cidade grande. Aquela escola me levou a querer estudar mais e, questionar o seguinte: "eu acho que na Educação Física, as pessoas já estão fazendo outra coisa. Olha só, minha escola do interior, bem pequena, eu pude ter esse tanto de possibilidades...". Uma diretora fantástica, que me levou a acreditar e pensar em uma outra Educação Física, que até eu mesma nem sabia que existia. Voltei para estudar e, quando você volta, você chega totalmente perdida. Eu trabalhei no Minas II, dei aula de natação, fui treinadora esportiva por um bom tempo então pensei: "mas voltar para clube?", eu não estava querendo mais voltar para clube, estava de saco cheio de clube. E essa coisa de eu não gostar de competir desde criança, me desanimou com essa área. Teve uma época que todo final de semana eu tinha competição. Eu detestava a briga que os técnicos ficavam, queriam obrigar o atleta a ganhar, então, isso nunca foi "minha praia", apesar de eu ter trabalhado muitos anos com isso, competindo, eu fiz porque era oportunidade de emprego, não foi porque eu busquei. Tanto que quando eu voltei para Belo Horizonte, fui morar com minha mãe e ela falava: "Procura suas colegas". E elas estavam em clubes, no Minas II, em academias. Eu explicava para minha mãe que eu não queria. Eu cheguei até a ir ao Minas procurá-las, falei com o coordenador e com várias amigas minhas que estavam lá: "olha gente, estou de volta em Belo Horizonte, se aparecer alguma coisa...". Mas eu estava cruzando os dedos para não aparecer nada... [Risos] Eu queria escola! Olha que fantástico essa experiência lá em São Mateus. E outra coisa, até então eu nunca tinha trabalhado na

realidade de uma escola pública. Aqui eu só peguei escolas de ricos e, essa escola de São Mateus, era também escola de elite. Era a escola dos filhos dos funcionários da Petrobrás. Em Carajás, eu trabalhava em um clube que também era de elite, porque eram os filhos dos funcionários da Vale do Rio Doce. Eu queria "botar a bunda no chão da quadra!" Então quando eu voltei, foi tudo junto assim. A primeira coisa que eu fiz foi voltar à minha origem, a escola de Educação Física da UFMG. Fui lá ver o que estava acontecendo. Eu nem sabia mais que ônibus pegava para ir lá. Queria ver se tinha algum emprego, se tem algum papelzinho pregado naqueles murais. Chegando lá, descobri a Pós-graduação em Lazer. Fiz a inscrição no último dia, aos 49 do segundo tempo. [Risos]. O dia que eu fui lá era o último dia possível para inscrições. E eu precisava escrever uma cartinha, levar uma documentação que eu não tinha, tive que voltar em casa para pegar, foi uma loucura, sabe. Então eu fiz, a Pós-graduação em Lazer, que foi uma coisa muito bacana, que abriu minha cabeça. Depois fiz o concurso no Estado em 2001. Passei no concurso e então, começa a minha história com a escola pública. [Risos]. Hoje, tenho 13 anos de trabalho no Estado e tem gente que ainda acha pouco."

Encerramos então, nosso encontro, em que gravamos a primeira parte da entrevista. Pude conhecer a história da infância e adolescência de Adelúzia, suas ricas experiências com brincadeiras na rua, seu contato com o esporte, em especial com a natação, a ginástica olímpica e o Jazz. Ela descreve seu contato com a Educação Física na época da escola e, relaciona, num primeiro momento, a escolha do curso ao fato de ter gostado muito de sua professora de Educação Física.

Adelúzia narra seu período de faculdade, que transcorreu em um importante momento histórico, a ditadura. Ressalta as características da época e, como este período influenciava no curso de Educação Física da UFMG, que tinha o militarismo como base.

Darido (2004), explica que a concepção militarista considerava a Educação Física como uma disciplina essencialmente prática, não necessitando de nenhuma fundamentação teórica para lhe dar suporte, bem como Adelúzia descreveu seu contexto acadêmico, em que as aulas eram praticamente treinamentos e, a única perspectiva de trabalho era a esportivista.

Segundo o Coletivo de Autores (1993), o esportivismo é traduzido em uma perspectiva que tinha como os principais aspectos abordados pelos professores o rendimento esportivo, recordes, competição ao extremo e vitória no esporte como sinônimo de sucesso

pessoal. Retomo a fala de Adelúzia, que disse nunca ter gostado de competições e das obrigações que ela propõe.

Soares, Taffarel e Escobar (1993) descrevem bem este momento vivido por Adelúzia na faculdade, afirmando que o esporte tinha espaço garantido em todas as aulas de Educação Física, pautadas apenas nas técnicas e limites físicos que cada modalidade esportiva exigia para que os alunos pudessem realizá-la. Relaciono esta descrição ao depoimento de uma amiga de Adelúzia, que confidenciou a ela não gostar de Educação Física, uma vez que, sentia-se discriminada e excluída em decorrência de suas características físicas e, de sua dificuldade para realização dos movimentos exigidos, o que era considerado fora daquele "padrão militar" e, merecedora de tal exclusão.

Enfim, nesse primeiro relato pude conhecer o percurso trilhado por Adelúzia e as experiências que teve com a Educação Física, em diferentes cidades, em escolas com características tão distintas entre si, e em clubes. Tudo isto lhe proporcionou estar em constante avaliação e evolução, no sentindo profissional e pessoal. Sempre muito interessada em aprender mais, em oportunizar práticas ricas e variadas aos seus alunos. Suas vivências e toda a sua caminhada ensinaram-na a superar todas as dificuldades e limitações que poderiam ocorrer, buscando sempre novos desafios.

3.2 Segundo relato

Encontrei a Adelúzia, novamente no "café" do Palácio das Artes, para seguirmos com o segundo dia de entrevista, que constitui este segundo relato. Retomei o período cronológico onde paramos, que foi em 2001, quando ela fez o concurso do Estado de Minas Gerais. Seguimos então, a partir deste momento. Iniciamos a gravação.

"Em 2001 fiz o concurso do estado, quanto voltei a trabalhar em Belo Horizonte. Foi legal, pois eu queria trabalhar em uma realidade diferente, em escolas simples. Até então todas as minhas experiências eram com escolas boas, com um público de classe alta e muitos recursos. Então, fui cheia de sonhos e expectativas. A primeira escola estadual que eu trabalhei foi a Escola Estadual Princesa Isabel, uma escola de periferia, na qual fiquei um ano como designada, até sair a nomeação. Depois, passei no concurso que fiz para trabalhar no Centro Pedagógico, onde fiquei uns três anos. Na Escola Princesa Isabel foi a primeira vez que trabalhei com pessoas de periferia e, foi um susto. Lá tinham alunos de 14, 15 anos na 1ª

série, ou seja, com meninos de oito e nove anos. Essa foi a primeira dificuldade que eu tive. Até mesmo porque até então, eu trabalhei em escolas ditas “certinhas”, onde se mantinha as crianças nas séries correspondentes às faixas etárias. Comecei a me deparar com falta de material, uma quadra toda esburacada, um campo de terra vermelha. Fora da escola tinha um campinho de terrão que, inclusive, eu adorava dar aulas lá. Certa vez, inclusive, em um dia de chuva, ficamos lá com os meninos e demos um futebol de lama. Foi a maior alegria! Nesta escola, tive duas experiências muito interessantes, a primeira foi que no dia em que eu entrei, a professora de Educação Física que estava lá a bastante tempo, era aquele tipo que não dava nada para os alunos. Justificava que era devido à falta de material e estrutura. O que me ajudou muito nestes momentos foi o convívio e experiência adquirida no dia-a-dia com grandes colegas, tanto do Centro Pedagógico, quanto da UFMG. Eu cheguei à conclusão que nós não tínhamos bola de futebol, mas poderíamos construir uma bola de meia, não tínhamos bola de basquete, mas, poderíamos fazer bolinha de papel e ver quem acertava mais a cesta. Outra experiência muito boa que tive com eles foi quando fomos fazer capoeira em um galpão, que era o único lugar que tinha sombra. Para eles foi muito interessante, pois antes eles só jogavam futebol. Comecei a dar muitas aulas neste galpão. Eu ficava inventando coisas, dava brincadeiras e eu não podia usar bola, porque tinha lâmpadas e então, era perigoso. Isso me obrigava a correr atrás de outras coisas. Até que um dia, um aluno me contou que seu tio era mestre de capoeira. Perguntei então, se seu tio poderia levar os alunos da capoeira para fazerem uma demonstração e, se poderia dar uma aula na escola. Prontamente, fui convidada a ir perguntar diretamente para ele. O que para mim era uma aventura. Eu me sentia um “ET” naquele lugar, por ter estudado sempre em escola particular, ter sido professora em escolas particulares. Era tudo novidade. Às vezes eu achava o linguajar maravilhoso, outras, ficava assustada. Foi a única vez em que eu subi em uma favela. Quando fui falar com o diretor que eu convidaria o tio do aluno para ir à escola dar uma aula de capoeira, ele me instruiu a tomar cuidado, porque a maioria dos alunos eram filhos de traficantes. Achei muito legal da parte dele não ter me desmotivado. Ele me instruiu a ter cuidado. “Vamos sonhar, mas vamos ter um pezinho no chão!”. Lembro-me que eu fui com uns cinco ou seis alunos e, a cada passo para dentro da favela, os moradores iam saindo de dentro de casa, a maioria deles com a cara “amarrotada”, de quem acabou de acordar, o que me dava até uma revolta, já que eu acordava às cinco da manhã. A gente foi subindo e os alunos foram falando: “é a professora, é a professora!”. Enfim, chegou o rapaz com uma cara de sono, mal encarado e, eu fui logo explicando para ele que eu era a professora e estava

dando aula de capoeira. Perguntei se ele tinha interesse de ir lá e ensinar um pouco para os alunos. Ele topou na hora. Então, ele foi lá umas duas vezes e, em uma ocasião em especial, em algum evento, que o convidei e ele levou o grupo todo para uma apresentação. Todos amaram. A outra experiência legal que eu tive, foi quando fui trabalhar o conteúdo de dança com eles. Quando falei, eles foram à loucura! Na época, estava no auge do Bonde do Tigrão, e eles acharam que nos íamos "botar o pau para quebrar". Eu não tinha falado para eles que a dança que eu iria trabalhar, era a dança folclórica. Quando falei, fui detonada, principalmente pelos alunos "grandões". Isso tudo ocorreu nos bons tempos em que eles tinham duas aulas semanais de Educação Física, que depois passou para uma e, atualmente, para nenhuma. Enfim, eu negociei com eles, combinei que deveríamos trabalhar as danças folclóricas porque estava no meu planejamento e eu precisava dar satisfações para o diretor da escola. Tudo já combinado com o diretor! Mas, que em outra aula eles iriam me ensinar a dança deles. Fiquei "fera" nas músicas do Bonde do Tigrão. [Risos]. Eles levavam as fitas gravadas e, dançávamos muito na sala de aula. Arrastávamos as carteiras para o fundo da sala. Era uma aula para danças. Eles me ensinaram a coreografia e nisto, eu consegui trabalhar folclore com eles, ensinando Catira, fazendo "desafio de palma", etc... Fui desenvolvendo com eles as danças. Chegou um momento em que eu falei que nós não poderíamos só ficar dançando funk, que tínhamos que contextualizar aquilo, foi quando começamos a trabalhar as letras das músicas. "O que quer dizer isso e aquilo?". Lembro-me que, em uma turma específica, começamos a conversar sobre uma música que dizia que "um tapinha não dói". Eu os questionava, "como assim, um tapinha não dói?". Foi quando alguns alunos começaram a comentar atos de agressão entre seus pais e, até mesmo agressão que eles próprios sofriam. Foi fantástica a discussão que construímos! Então, de músicas feias e pesadas, nós tiramos muitas coisas legais, muito aprendizado e reflexões. Depois disto, em uma aula, eu contava a história do Congado e, um aluno comentou comigo que sua avó "mexia com isto". Em princípio, achei até que fosse macumba! [Risos]. A avó me procurou e, eu comentei com ela das aulas. Ela era, "simplesmente", uma das Mestras da Guarda de Moçambique, a única guarda de Congado feminina de Belo Horizonte! Foi quando pedi à ela que levasse a Guarda para apresentar na escola. Ela topou! Falou que aqueles meninos deveriam aprender mesmo, que o "negócio" deles era somente funk. Disse que aquele conhecimento tinha que ser passado de geração em geração. Algumas delas foram à escola apresentar, seis ou sete mulheres. Nos vestimos de branco, cada um levou seu cabo de vassoura pintado para dançar. Foram muitas experiências legais, as aulas no campinho, as danças, foi tudo muito legal. Eu

saí de lá em 2002, mas eu tinha adquirido um amor imenso pelas crianças. Eu leva chinelos, porque alguns andavam descalços, levava roupas, eu separava briga de alunos. Eles eram tão carentes de carinho, de pai e mãe. Eu adorei trabalhar lá, eram pessoas simples e o diretor da escola era bacana. Depois de muito tempo, quando precisei voltar lá para pegar minha contagem de tempo, vi alunos entrando com violinos e, descobri que tinha aula de violino na Escola Princesa Isabel. Que surpresa! Sabe uma coisa que eu aprendi sendo professora e, "tomando muita pancada" nas escolas? Achamos que detemos de todo o conhecimento, que somos de um nível melhor que o deles. Isto é um grande equívoco! Aprendi, que não podemos ir com nenhum tipo de preconceito, por mais que tenhamos nossos conceitos, temos que ouvi-los, pois eles possuem as riquezas do mundo deles. Dando continuidade, quando saiu minha nomeação do concurso, eu poderia escolher em qual escola eu gostaria de trabalhar. O único fator que me fez escolher outra escola foi a distância, pois para chegar na Escola Princesa Isabel, eu atravessava a cidade. Pegava dois ônibus, tinha que acordar às cinco horas da manhã. Então, foi quando efetivei na Escola Estadual Afonso Pena, que era próxima à minha casa. No Afonso Pena, eu vivi "altos e baixos". Tive experiências muito boas, tive mudanças de turno devido aos meus outros empregos. Experiências boas e ruins. (...) No dia da nomeação a maioria dos professores, queriam pegar as turmas de 6º a 9º ano. Quando eu falei que queria pegar as turmas dos mais novos, eles disseram que eu era doida. [Risos] Eu tinha umas quatro escolas pré-definidas e, escolhi o Afonso Pena por indicação de uma amiga. Enfim, acabei escolhendo as turmas do 1º ao 5º ano do fundamental I devido às experiências que tive na Escola Princesa Isabel, que me trouxeram muitas satisfações. Quando comecei no Afonso Pena, conheci uma professora muito antiga, que já estava quase aposentando. Foram as primeiras dificuldades nesta escola. Perguntei a ela onde era a sala de materiais e, ela disse que não tinha sala alguma, que as bolas ficavam no escaninho dela e, as redes ficavam em seu carro. Perguntei se as bolas que estavam no escaninho pertenciam a ela mesma e, ela me respondeu que não pertenciam. Disse que raramente a diretora comprava alguns materiais. Comecei a pensar no que fazer. Toda vez eu precisava pedir a ela para me dar uma bola de vôlei. Fiz então, uma relação de materiais e entreguei para a diretora da escola, que, de imediato, me falou que não adiantava, pois não comprariam nada. Cheguei à conclusão que iria trabalhar sem materiais e, com isto, teria que desenvolver algumas outras coisas bacanas. O curioso é que, o que eu estou vivenciando hoje, vivenciei com esta professora. No primeiro ano em que trabalhei lá, tive que lidar com a resistência desta professora. Ela estava lá há anos, só esperando a aposentadoria chegar. Então, ela não tinha

mais fôlego para trabalhar, estava cansada. As aulas dela se resumiam em futebol e queimada o ano inteiro, nada diferente disto. Eu comecei a tentar fazer diferente. Muitos jogos, muita bolinha de papel, tudo o que eu podia fazer. Colocava caixas de papelão na quadra, aproveitava que, antes da reforma, a quadra era em um declive, e então, puxava as caixas de papelão com os meninos dentro! Inventei o dia do brinquedo. Cada um levava seu próprio brinquedo, até hoje eu continuo fazendo isto. Me deparei com o problema dos professores que não conseguiam buscar uma aula diferente. Um dia, na primeira reunião que tivemos, falávamos sobre o "Projeto dos Idosos". No momento de entregar o projeto, a orientadora não me entregou e, nem à outra professora de Educação Física. Levantei a mão e perguntei: "Onde estão os nossos projetos?" A orientadora informou que o projeto era da escola toda. Eu insisti e, questionei se nós não fazíamos parte da escola. Ela precisou tirar mais duas cópias na hora, para que acompanhássemos a apresentação. A partir daí, nunca mais deixaram de nos entregar algo. Foi quando eu percebi qual era a visão que eles tinham da Educação Física. Resgatei o projeto "Jogos e Brincadeiras", no qual os alunos tinham que pesquisar quais eram os jogos e brincadeiras da época de seus avós. Em um sábado, fiz a "Oficina de Brinquedos". Nela, os avós faziam "bichinhos" com legumes. Fizemos também, uma oficina de pipas, de petecas construídas com penas de galinha, etc. Foi um sucesso! O evento deveria acabar ao meio dia. Às 13 horas, tivemos que pedir para irem embora, porque precisávamos que fechar a escola. Comecei então, a questionar que a escola não tinha lugar para guardar materiais. (...) Nós tínhamos uma diretora "osso duro de roer", mas com muito choro, muita raiva, nós conseguimos um lugar onde ficavam guardadas umas tintas e muito entulho. Jogamos água, ateei fogo para tirar os insetos. Foi quando aquela professora que estava se aposentando percebeu que o material era coletivo. Tive muita rusga com ela no começo, neste primeiro ano. Mas, depois nos demos muito bem. Eu entendi as razões dela. Uma pessoa que estava com mais de 60 anos, para aposentar. Hoje, como estou mais próxima desta idade, eu entendo melhor, o cansaço e tudo mais. Então, comecei a entender e, consegui "puxá-la". Fizemos Olimpíadas, desfile com os meninos, festa de junina, etc. Ao final, quando ela se aposentou, ela me agradeceu, me abraçou, e falou que adorou trabalhar comigo. Foi a recompensa de toda aquela luta. Certo dia, ela me chamou em seu carro, abriu o porta-malas e me deu um monte de livros. Disse para eu não parar. Com todas essas mudanças, mostramos à diretora que a Educação Física deveria ter seu material sim, ter um lugar para guardar tudo. Percebi o quanto é legal quando você consegue mudar um ambiente. Certa vez, uma amiga comentou comigo que não valia a pena eu "bater de frente" com aquela professora, pois ela estava

apenas esperando a aposentadoria chegar. Eu preferi motivá-la com o meu trabalho e, trazê-la para o mesmo objetivo. (...) Logo depois, quando passei num concurso em Contagem, na Funec, tive que mudar o meu turno de trabalho. Passei a dar aulas para turmas de 6º ao 9º ano do fundamental II, e acabou sendo legal. Todos já tinham sido meus alunos. Isto foi entre 2005 e 2006. Na época, tinha acabado de entrar um professor que havia sido designado e, que era muito bacana. (...) Ele ficou com as turmas de 7º e 8º anos. Eu me encantava com as aulas dele. Ele era dono de academia e, levou os meninos para este lado de avaliação física, condicionamento físico, levava os meninos para dar voltas na praça, ensinou a respeito da medição de freqüência cardíaca e, os meninos ficaram enlouquecidos. Toda aula dele tinha a parte teórica. Era tão legal que eu pedia a ele para dar as aulas daqueles temas para as minhas turmas também. E com isto, tinha dias que trocávamos as turmas. Ele ficou lá uns três anos. Foi uma parceria de trabalho muito bacana. Em uma oportunidade, fizemos as Olimpíadas, isto em 2008, com um trabalho coletivo, envolvendo todos os professores de todas as áreas. Até hoje tem gente que se lembra, Fizemos o desfile na Praça da Liberdade, com bandeira e tudo que se tinha direito. Em 2005, voltei a dar aulas de 1º ao 5º ano, na Escola Afonso Pena. Então trabalhava no Afonso Pena, e no colégio Imaculada, onde fiquei seis anos com o ensino infantil. Todos os "pequenininhos", desde o Maternal I, até o 1° ano do fundamental. Curioso é que, mesmo dando aulas de 1º ao 5º ano, eu acompanhava os professores da manhã. Depois do antigo professor, veio outra professora muito boa também, que deu seqüência no trabalho dele e, que realizava trabalhos excelentes. Então, eu tinha um diálogo com estes professores. Nós fazíamos reuniões juntos, trocávamos idéias nos projetos institucionais que a escola desenvolvia, eu dava muitas idéias para as aulas de dança, etc. Após este período, entrou um outro professor, e uma outra professora antiga, que estava para aposentar e, que ficou muito tempo fora de escola. Voltou como efetiva e, ficaram os dois no turno da manhã. Na época, eu tinha uma amiga que era supervisora na parte da manhã e, no turno da tarde era professora. Ela me relatava o que acontecia e, falava que eu tinha que orientar os professores da manhã, pois as aulas estavam totalmente desorganizadas. Nenhum professor conseguia dar aula. Neste meio tempo, tiveram eleições para diretores. Foi outra luta nossa para mudar a diretoria. Nós fizemos outra chapa, tiramos a diretora antiga e, entrou outra diretoria, que inclusive é muito bacana e, quer "fazer as coisas" funcionarem. O mandato é de quatro anos, mas está sendo votado no sindicato para ser de três anos. Voltando ao assunto dos professores que entraram para dar aulas de manhã, eu ouvia muita reclamação, que a escola estava uma bagunça. Comecei a conhecer estes professores pelos relatos dos colegas de trabalho. Nós tínhamos

pouco contato, nos cumprimentávamos nos eventos que tinha e só. (...) Na época da copa, passei um trabalho para o 7° ano, em que eles deveriam fazer uma coreografia com música, que tivesse relação com a Copa do Mundo. Eu queria que eles pegassem as músicas antigas, mas pegaram somente essas músicas novas. Inclusive, eles pegaram uma de funk, uma da Coca-Cola. Eu fiz questão de ouvi-los primeiro para não ser pega de surpresa, como ocorreu em outra ocasião na escola, em que os alunos apresentaram danças totalmente inadequadas ao espaço escolar para todos os pais, por falta de acompanhamento dos outros professores. (...) Por causa disto, a diretora falou que não queria saber de nenhum projeto desse professor sem que antes passasse por ela. Uma pessoa que aparentava ser muito simpática, mas que quando saía de perto, falava mal de você (...). Então, este ano eu estou tendo a experiência de trabalhar com ele, e a conclusão que eu cheguei foi de que precisava me unir a ele, dar voz à pessoa dele, ver o que ele pensa, senão, não conseguiríamos trabalhar juntos. Cheguei lá em março e, tinha um mês e meio que as aulas haviam começado, quando "estourou a bomba" da resolução que impedia professores de Educação Física de ministrarem aulas para o ensino infantil e, tive de sair. Mais adiante, retomo a esta parte. Mas, quando cheguei, os relatos eram que as aulas de Educação Física estavam uma bagunça, que não tinham planejamento, que os alunos ficavam espalhados, muitos fora de sala. Eu comecei a tentar fazer algumas coisas. Ele trabalhava com a tal professora que estava para se aposentar. Uma pessoa até bem intencionada, mas já estava cansada e mantinha um relacionamento tumultuado com o outro professor. Depois, ela foi me falando tudo. (...) Então, quando eu fui dar aula, estava toda aquela bagunça, devido à falta de professores e desorganização, me lembrei que quando eu dava nas escolas particulares, tinha uma manual de convivência. Propus a este professor tentarmos criar algumas regras. Falei com ele que eu era muito metódica, que eu estava fazendo meu planejamento e, que gostava de fazer o mais próximo da realidade, nada que fosse impossível. Ele falou que topava fazer, mas eu fiquei atenta, porque já imaginava que ele ficaria me enrolando. Peguei os modelos dos outros colégios e fiz sozinha. Adequei para a realidade do Afonso Pena e, montei o manual. Mostrei a ele e, falei para acrescentar o que achasse necessário. Eu não sei se ele leu, mas ele falou que estava ótimo. Aproveitei para marcar uma reunião com a diretora para ela aprovar. Todos acharam o manual excelente e, nós começamos a entregá-lo para as turmas. Porém, não tinha como entregar tudo de uma vez, pois em escola pública é complicado tirar 400 cópias de uma vez. Então, fomos tirando aos poucos e entregando. Nós também pedimos aos alunos para que lessem junto aos pais, trouxessem assinado por eles e, colassem no caderno. Algumas vezes eu percebia que ele não

estava entregando o manual para suas turmas, bem como não cumpria o que foi acordado na manual. Por exemplo, constava no manual que nós não poderíamos entregar bolas na hora do recreio, mas ele entregava. Então, os alunos vinham me pedir bolas emprestadas, eu falava que não, explicando que estava combinado no manual, mas eles me questionavam falando que o outro professor emprestava sempre".

Concluímos então, o segundo dia de entrevistas que antecedeu a viagem de Adelúzia para Vila Velha, onde ficou por um período, visitando seus pais. Neste dia, combinamos para o seu retorno, nos encontrarmos novamente, para finalizarmos a entrevista.

Adelúzia contou de suas primeiras experiências em escolas públicas e de periferia, que foram muito diferentes de tudo que ela tinha vivido profissionalmente, até aquele momento. Deparou-se com uma realidade difícil, falta de materiais, estrutura física defasada e inadequada às aulas de Educação Física, poucos recursos, etc. Com muita determinação e empenho, encontrou estratégias para oferecer aulas de qualidade, que despertassem o interesse nos alunos. Percebeu então, naquela cultura que, para ela era tão diferente, nos estilos de músicas, nos tipos de brincadeiras, o próprio linguajar, a fonte mais rica de conhecimento. Uma forma de trazer e motivar os alunos, por meio de suas próprias características culturais. Valorizando e baseando-se neste aspecto cultural, Adelúzia planejou e executou suas aulas.

A perspectiva metodológica adotada por Adelúzia pode ser interpretada a partir dos princípios da Abordagem Construtivista-Interacionista, cuja intenção, segundo Freire (1992), é proporcionar construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, respeitando o universo cultural do aluno, explorando as diversas possibilidades educativas de atividades lúdicas espontâneas, propondo tarefas cada vez mais complexas e desafiadoras com vistas à construção do conhecimento. A proposta construtivista valoriza as experiências e cultura dos alunos.

Um dos trabalhos desenvolvidos tomando como referência letras de músicas que faziam parte da daquela cultura, mas que, até então, nunca haviam sido utilizadas por Adelúzia, em sua prática pedagógica. Dessa maneira, o trabalho proporcionou reflexões e desenvolveu temáticas relacionadas ao cotidiano dos alunos, em debates por ela organizados.

Uma outra questão que me chamou atenção neste segundo relato, foram as dificuldades vivenciadas pela professora, na Escola Estadual Afonso Pena, a saber: a desorganização da escola, a difícil relação com um colega da área; a mudança de turno de

trabalho, dentre outras. Tal situação desencadeou um quadro de angústia e estresse, motivo pelo qual necessitou de uma licença médica.

A esse respeito, Freudenberger (1974), citado por Santini e Molina Neto (2005) afirma:

> O trabalhador experimenta um sentimento de fracasso e exaustão, causado por excessivo desgaste de energia, derivando em comportamentos de fadiga, irritabilidade, depressão, aborrecimento, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade.

O ambiente de trabalho é determinante para a saúde das pessoas. Quando as relações interpessoais e profissionais tornam-se complicadas, a um comprometimento tanto físico, quanto psicológico e emocional, resultando nos mais variados quadros de doença.

Nesse sentido, fica evidenciado, a partir dos relatos coletados, que quando o ambiente escolar é inadequado, compromete, sobremaneira, tanto o desempenho profissional, quanto a vida pessoal do professor, provocando o adoecimento.

3.3 Terceiro relato

Encontrei-me com Adelúzia, após o seu retorno de Vila Velha, no "café" do Palácio das Artes, onde finalizamos o último dia de entrevistas.

A professora transparecia uma leveza e tranqüilidade, diferentes dos outros dias, em que havia acabado de entrar de licença médica e, portanto, iniciava seu tratamento. Falei isto para Adelúzia, e ela confirmou, de fato, estar muito melhor física e emocionalmente. Relatou que se encontrar com sua família e ter tido esse período para descansar a ajudou se restabelecer.

Nesta mesma semana, a professora estava retornando ao trabalho. Situei onde havíamos parado no último encontro e, a partir daí, seguiu com o relato.

"No nosso último encontro, contei sobre o manual de convivência que fiz. Vou prossegui deste ponto. Estou no Afonso Pena há 13 anos. Hoje, é uma escola que eu não reconheço mais. (...) Mas, fazendo uma avaliação final, o problema não é a Escola Afonso Pena, não é a clientela, pois os alunos são bons, mas, o profissional que trabalha junto com você, em todas as áreas, é determinante para o desempenho e a satisfação no trabalho. Eu falo isto, pois trabalhei com profissionais qualificados e interessados, o trabalho era excelente, maravilhoso.

Lembro-me que com o professor anterior que trabalhava comigo, fizemos muitas coisas legais, as Olimpíadas, em que a abertura foi na Praça da Liberdade e muitas outras coisas. Então, um grande problema é a parceria, no meu caso, a falta dela. Conversando esses dias com os meus alunos, falei que eu tive esse estresse, porque estou querendo que as aulas de Educação Física sejam muito melhores, de altíssima qualidade. Mas, entendi, com o tratamento que fiz, que existem algumas coisas que não dependem de mim e nem deles. E, foi isto que me adoeceu. Quando fiquei doente e passei aquele período em casa, tive tempo para refletir e entender isto. Por exemplo, como posso dar uma aula boa, sendo que, chego no pátio ou quadra e, tem um monte de alunos que não fazem parte da aula, que eu não sei se estão "matando" aula, que passam e chutam a bola nos outros alunos, correndo o risco de machucarem alguém. Minha voz, minha saúde. Tudo isto interferiu, e foi me adoecendo até chegar ao ponto de ter um estresse desse nível. Combinei com os alunos que eu tentaria de novo, na medida do possível. Até mesmo porque eles merecem. Mas, ao mesmo tempo, vou evitar situações de estresse, afinal, estou com recomendações médicas para isto. A maioria das coisas que eu tinha programado para passar neste ano, eu consegui realizar, mas as que eu não consegui, talvez eu não faça, de fato. Não tenho condições físicas, nem materiais, nem humanas para retomar tudo aquilo. Eu tinha programado de fazer um campeonato de futebol e, o festival de talentos, com música, danças, etc, mas não sei se terei forças para fazer tudo isso. Senti que eles ficaram um pouco decepcionados quando falei. A minha intenção até o presente momento é realmente não fazer, para eu não me estressar, mas acho que não vou agüentar. [Risos] Ao menos o festival de talentos, devo fazer com eles. Achei lindo que duas alunas no intervalo vieram me procurar para pedir para eu fazer o festival de talentos. Disseram que, se eu não estivesse dando conta, elas me ajudariam a organizar. Olha que bonitinho! Eu falei que iria pensar direito, que estou voltando agora e, precisava ir devagar. Agora, a conclusão a que chego, apesar de eu ter pensado em desistir é que eu sempre soube ser muito esperançosa. Então, sempre acredito que o próximo ano possa ser melhor, que venham profissionais bacanas e bem intencionados. A pessoa que me substituiu durante a minha licença, por exemplo, parece ter feito um bom trabalho. Ano que vem terá designação de professores, e eu espero que haja troca, que seja para melhor. Que venham melhores profissionais e, quem sabe, esta resolução caia por terra e, eu volte para o período da tarde. Apesar de todos os contratempos, sou uma pessoa esperançosa. Na escola ocorreu um caso de um aluno do 7º ano que foi pego com drogas. Está a um passo da criminalidade, mas eu gosto muito dele. O dia em que ele foi pego com drogas, chegou a polícia e, eu cheguei perto dele

para falar que eu gostava muito dele e, que ainda acreditava que teria um jeito. Eu disse que ele é muito inteligente, que deveria dar a volta por cima e sair dessa. É complicado, pois ele tem 16 anos e está em uma turma muito mais nova. A escola não tem forças para fazer mais nada. Quando se chama o conselho tutelar, eles não vêm à escola. Não se pode mandar embora, não se pode dispensar, é complicado. Agora ele fez uma prova, e não passou, mas os professores ajudaram e o passaram ele para o 9° ano, porque dessa forma, ele poderá sair da escola no final do ano. Quando ele foi pego com maconha, o policial sugeriu ao pai tirá-lo da escola, para evitar constrangimentos ou perseguição, mas isto não foi feito. Ele me disse na semana passada, que o mandaram para outra turma e, que terá que aguentar o outro professor. [Risos]. Contou para todos que sentia saudade de mim, pelo fato de eu brigar demais com ele. É o fato de alguém, simplesmente, dar importância. Comentei com as estagiárias que eu briguei muito com ele, mas, que foi amor à primeira vista. [Risos] Você vê que é um menino que está pedindo socorro, pedindo ajuda. Nem tudo são coisas ruins e, são estas coisas, como o carinho deste aluno, que me estimula a continuar sendo professora. Falando dessa motivação, cito também o exemplo da escola particular onde trabalho atualmente, em uma clientela totalmente diferente, com alunos a partir de 15 anos que pararam de estudar, adultos de todas as idades, com interesses totalmente diferentes. Dentro das adversidades, nós conseguimos fazer um planejamento bacana, é tranqüilo, eles sabem da necessidade das aulas e, dão um retorno muito grande para mim, como professora. E é isto que me sustenta, que me motiva. Inclusive, eu fiquei muito chateada por ter precisado tirar licença lá nessa escola. Tem nove anos e meio que trabalho lá. Então, vou contar, detalhadamente, o episódio da resolução que impediu professores de Educação Física de ministrarem aulas para o ensino infantil, na rede estadual. Desde o ano passado, quando algumas pessoas vieram falar comigo que a Educação Física, do 1° ao 5° ano tinha acabado, fui perguntar à diretora e, fiquei sabendo que, para as escolas que possuíam professores efetivos, esta resolução não funcionava, somente para as escolas que possuíam professores designados. Isso tudo com o objetivo de "enxugar a máquina" e, reduzir o número de professores. Quando comecei a dar aula no Estado, eram duas aulas semanais, em seguida passou para uma aula semanal. Eu tinha 18 turmas do 1° ao 5° ano, com apenas uma aula na semana. O que fiz: programei realizar uma pesquisa com os alunos, trabalhar o mês de fevereiro com o tema Carnaval. Cada turma ficou responsável por uma parte. O 1° ano pesquisou o Frevo, o 2° ano pesquisou a história dos trios elétricos. O 3° ano pesquisou os carnavais do Rio de Janeiro, o 4° ano, os carnavais antigos e, o 5° ano pesquisou o Samba. Eles fizeram uma pesquisa escrita, pesquisaram músicas e etc. O projeto

culminaria em um Baile de Carnaval. Na segunda quinzena de fevereiro, a diretora me ligou e me chamou para conversar. Quando cheguei à sua sala, me deparei com uma Inspetora da Secretaria de Educação, dizendo que a minha situação era ilegal, que a escola estava na ilegalidade desde o ano passado devido à nova resolução. Eu quase "caí dura" para trás. Além disto, ela me informou que a partir do dia seguinte, eu deveria ir para turno da manhã ou escolher outra escola, e, caso eu escolhesse ir para a manhã, a outra professora teria que sair da escola. Perguntei quem tinha escrito aquela resolução e, me apresentei como professora efetiva, de carreira. Falei com ela que eu trabalhava com crianças e, perguntei se deveria realmente deixar os meninos, de um dia para o outro. Nesta resolução falava que a partir de novembro de 2013, os professores regentes assumiriam as aulas de Educação Física, exceto nos casos em que as escolas tivessem piscina, fossem de tempo integral e, uma outra situação que eu não me lembro. Perguntei se ela sabia qual era a carga horária da Educação Física no horário integral. Expliquei que era de seis horas semanais e, que a mesma pessoa que valorizou a Educação Física por um lado, desvalorizou do outro. Queria entender qual era a justificativa e a relação entre o professor de Educação Física e a piscina. Se o fato era ter piscina, eu disse que iria comprar uma piscina de bolinhas! Aquela era uma resolução sem qualquer fundamento! Naquele instante, chegou uma criança e entrou pela porta com um trabalho maravilhoso para me mostrar. Aproveitei e perguntei para a Inspetora se eu deveria de fato, falar para aquela criança de no máximo de sete anos que a "Tia Dê" não iria mais voltar. "Bati o pé" falando que eu não iria sair! Ela mudou o discurso, falando que daria um jeito e, que me daria mais uma semana. Eu insisti, briguei, falei que não queria uma semana, que as crianças tinham que ser preparadas. Mandei chamar a Superintendente para ir lá e, falar com os alunos. Enfim, negociamos um prazo até o final do mês e, conseguimos fazer o Baile de Carnaval. Teve o frevo, as machinhas, etc. Foi fantástico e, ao mesmo tempo, uma despedida. Eu fiz uma carta para os alunos e coloquei um recado para os pais explicando tudo o que estava acontecendo. Eles ficaram indignados, fizeram um abaixo-assinado, foram na Secretaria de Educação reclamarem, um Juiz tentou ajudar, foi um movimento muito bacana. Fizeram o que podiam. Fiz um texto na internet que percorreu muito tempo nas redes sociais. Infelizmente, não dependia de mim. Precisei abandonar as aulas, as crianças, os projetos, tudo! O meu sonho como professora continua, e hoje, quando entrei na sala de aula, comentamos sobre as eleições. Falei com eles que estão novos e, estão começando a participar de vida política do país. Mas que temos que ter muito respeito pelas pessoas, até mesmo porque a democracia se faz assim. Devemos sempre estar atentos e observar se daqui a seis

meses, nossa escola estará melhor, mais colorida, mais divertida, se terá mais materiais. Enfim, a esperança na política é que os professores estejam mais felizes e, os alunos também. Quem trabalha em escola e convive nela, não pode perder este sonho. Este ano foi muito difícil para mim, com diversos obstáculos. Eu espero que 2015 seja melhor, mas não adianta apenas desejar, tem que se ter iniciativa e um movimento em prol das melhorias, se não tiver isso, não se consegue trabalhar em escola pública. Você se torna uma pessoa apática, acomodada, inclusive, ontem o padre falou uma coisa que eu achei interessante, disse que devemos ser pessoas incomodadas e não, acomodadas. Eu sou uma pessoa realizada, pois desde criança, eu gostaria de ter me tornado professora e, como eu disse, faria de novo, se necessário fosse. Sempre encontro motivações, principalmente nas coisas mais simples. Esta semana em que eu estava de folga, assisti uma reportagem na qual uma professora da USP falava sobre alunos agressivos, violentos. Achei muito interessante, ela falou que nós professores, estamos abandonando os "bons alunos", porque nosso foco está exatamente no aluno que é difícil, e mas tem uma gama enorme de alunos que querem ser estimulados. Nós não podemos descriminar os "bons", porque estamos somente preocupados com os "alunos ruins". Esquecemos-nos dos "alunos bons", estamos os excluindo. Então, temos que dividir foco, não podemos continuar acomodados, até mesmo porque este nunca foi o meu perfil. Temos que continuar sonhando que dias melhores virão, continuar acreditando em todos os alunos. (...) Temos que ter consciência que sempre iremos trabalhar com pessoas que pensam diferente, que trabalham de formas diferentes, que possuem concepções diferentes da sua. Este convívio irá existir sempre e, o que temos a fazer é saber lidar com isso. O José Alfredo falou uma frase que eu achei perfeita: "Nós não temos garantia de nada, a única garantia que temos são os nossos princípios". Então, temos que conquistar as coisas com muita garra, muita luta, sabendo a hora de recuar como, aconteceu comigo a pouco tempo. Hoje eu estava pensando em como foram as primeiras entrevistas. [Risos] Eu estava engasgada, tomando medicação, e ainda muito magoada. Então é isto, eu continuo acreditando! Hoje mesmo ao ser perguntada se a Educação Física é a mesma de antes, eu respondo que, graças a Deus não! Apesar de muitos professores reproduzirem práticas ruins. Percebo que a preparação é tudo, e espero que estas faculdades estejam preparando professores de verdade. Conheço caso de professores que tem o mesmo discurso de 30 anos atrás. Mas, que eu saiba, estes são minoria. Penso que a Educação é um processo dinâmico e, que não podemos parar no tempo, temos que evoluir. Não podemos deixar de nos encantar todos os dias com alguma coisa. Espero ter contribuído. Foi em um momento muito tumultuado, mas, ao mesmo tempo, penso que estes

nossos encontros foram providenciais, muito legais. Falar com você era quase um desabafo. Muito bacana! Isso tudo me deu muita serenidade para pensar nas coisas, me deu serenidade para voltar à escola. Sei que muita coisa vai continuar sem depender de mim, então, tenho que me controlar. “Vou ser mais “pé no chão” e realista. Vou tentar dar atenção a todos os alunos, sem distinção de “bons”, ou “ruins”. Enfim, espero que eu tenha contribuído com a sua pesquisa”.

Em seu terceiro relato, Adelúzia fala sobre o processo de estresse por que passou e conta como foi seu retorno às aulas, após a licença médica. Explicou aos alunos que a sua situação de estresse ocorreu por vários fatores acumulados e, que não dependiam dela para serem resolvidos. Disse, também, a eles que alguns projetos do ano em questão não seriam retomados e que aos poucos, tudo seria normalizado.

Contou-me, detalhadamente, sobre a visita de uma Inspetora da Secretaria de Educação, à sua escola, a qual informou a respeito da Resolução, nº 2253, de 9 de janeiro de 2013, que a impediu de continuar ministrando aulas para as turmas do ensino infantil. Desse modo, teve de abandonar todo o seu planejamento de aulas, os projetos que desenvolveria com os seus “pequenininhos” e trocar o turno de trabalho.

Tal situação foi crucial para toda a insatisfação e o estresse que levaram Adelúzia a pensar em desistir da profissão e, finalmente, recorrer à ajuda médica. A professora fora afastada de suas funções pelo período de trinta dias.

Acredito na inconstitucionalidade desta medida, uma vez que a Lei Federal nº 9696/1998 que regulamenta a profissão de Educação Física, em seu artigo 3º preconiza:

> Art. 3º - Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto. (Constituição...)

Nessa via, considera-se que é do ofício do professor de Educação Física ministrar aulas de seu conteúdo a alunos de todas as séries da Educação Básica, incluindo as séries iniciais, turmas com as quais Adelúzia ministrava suas aulas.

Depois desse conturbado percurso, a professora afirma que jamais se arrependeu de ter feito essa escolha profissional, já embalada em seu sonho de criança. Menciona,

também, a necessidade de se ter o conhecimento das questões referente à legislação, às mudanças no cenário político, que por vezes, tentam contrariar a lei federal.

Nessas trilhas percorridas pela professora, pude conhecer e acompanhar parte de seu percurso. Em algumas situações senti-me reescrevendo um pouco de minha história, ainda que curta, por enquanto.

Houve o momento em que a sensibilidade se aflorou. Adelúzia revelou que esse contato propiciou-a uma experiência significativa, dada à sua necessidade de dividir uma situação que tanto a incomodava. Levo comigo a admiração e o respeito pela história dessa pessoa, pela multiplicidade de situações por ela vivenciadas. Levo comigo, um grande aprendizado, que certamente, contribuirá, em muito, para minha formação pessoal e profissional!

4 DA VIDA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

> "Sou uma parte de tudo aquilo que encontrei no meu caminho."
> Alfred Tennyson

A minha pesquisa teve como objeto os relatos de experiências de vida e de profissão de uma professora de Educação Física. Tentei acompanhar e compreender esse processo em que a identidade profissional se constitui, relacionando-a à história de vida da professora. Busquei resgatar por meio das representações do professor, a pessoa e o profissional, numa perspectiva de integração, e, não de fragmentação. Esta opção metodológica refletiu a importância dada à pessoa que exerce a profissão docente, pois a história do percurso profissional se constitui concomitantemente a história de vida do sujeito.

Foi relevante para este estudo identificar as motivações que levaram esta professora a escolher a Educação Física como profissão, mesmo diante da insatisfação dos pais e, de outros percalços em seu caminho.

As leituras por minhas feitas foram indicando as possibilidades de se trabalhar com a perspectiva biográfica, a qual permite aos sujeitos dizerem sobre si mesmos, refletirem sobre os caminhos que percorreram, considerando os aspectos subjetivos relativos às escolhas, motivos e permanência numa dada profissão e até mesmo, em todas as circunstâncias da vida, como ocorreu com a professora Adelúzia.

Essa abordagem mostrou-se pertinente para nos aproximarmos da imagem que a professora de Educação Física tem de si, de sua prática e das motivações que a levaram a

escolher esse espaço para atuar, ou seja, uma avaliação do próprio sujeito acerca de sua atuação, como uma representação social.

A constituição pessoal e profissional são processos que não tem fim na formação inicial, ou num determinado tempo de exercício profissional. O ser humano é inconcluso e histórico, podendo modificar-se e transformar seu entorno, enquanto participa da coletividade, construindo visões de mundo e se constituindo em meio a interações.

Assim, neste trabalho foram destacados os momentos do percurso de vida de Adelúzia, segundo sua maneira própria de apresentá-los, intimamente ligados a constituição pessoal, objetivando apontar aspectos relevantes que indicam um modo particular de encontrar-se na profissão e, na vida, como sujeito.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Adelúzia de Magalhães**.** *Adelúzia de Magalhães Barbalho,* Belo Horizonte, 2014. Entrevista concedida a Ana Paula Costa Barbosa.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1993.

DARIDO, Suraya Cristina. **Ensinar/Aprender educação física na escola: influências, tendências e possibilidades**. In: DARIDO, Suraya Cristina. , MAITINO, Edison Moraes. (Org.). Pedagogia cidadã: cadernos de formação educação física. São Paulo: UNESP. 2004. 159 p. p. 1-9.

FREIRE, João Batista. **Educação Física de corpo inteiro. Teoria e prática da Educação Física**. Campinas: Scipione. (1992).

HUBERMAN, Michael. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, António. (Org.) Vidas de professores. Porto:Porto,1992

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2º Edição. Porto: Porto Editora, 2000, p.215.

NÓVOA, António. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In: FAZENDA, Ivani. (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1997.

SANTINI, Joarez, NETO, Vicente Molina. **A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.3, p.209-22, jul./set. 2005

SOARES, Carmem. TAFFAREL, Celi; ESCOBAR, Micheli. O. **A Educação Física Escolar na perspectiva do século 21.** In: MOREIRA, Wagner. Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século 21. São Paulo: Papirus, 1993.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987

ANEXO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, Adelúzia de Magalhães Barbalho, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "RELATOS DE ADELÚZIA: UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NARRA SEU PERCURSO DOCENTE", poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora Ana Paula Costa Barbosa a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;

2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada.

3. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;

4. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Paula Costa Barbosa, e após esse período, serão destruídos.

26/11/2014

_____

Assinatura do participante da pesquisa

_____

Assinatura da pesquisadora responsável